



Bullying e cyberbullying: influências na formação da autoestima do aluno nas aulas de Educação Física

Bullying and cyberbullying: influences in the formation of students' self-esteem in Physical Education classes

Bullying y ciberbullying: influencias en la formación de la autoestima de los estudiantes de clases de Educación Física

Wesley Marques da Silva 

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. 

wesley.silva@uemg.br

Nathália Costa Martins 

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. 

nathaliaacosta1@hotmail.com

10.31668/praxia.v4i0.13085 

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender como o *bullying* e o *cyberbullying* praticado em aulas de Educação Física podem influenciar no processo de formação da autoestima dos alunos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa cujo os dados foram analisados por meio das análises textual, temática e interpretativa, obtidos pelo sistema de busca em artigos, monografias, dissertações e livros nos sites do *Google Acadêmico*, e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando os critérios de inclusão e exclusão, sendo escolhidos os que mais se adequavam ao objetivo da pesquisa. Concluiu-se que é necessário desenvolver pesquisas e estratégias de intervenção do *bullying* e *cyberbullying* com o propósito de esclarecer pais, professores, comunidade e agentes escolares, acerca desses fenômenos que causam consequências quase sempre irreversíveis a autoestima e ao desenvolvimento infanto-juvenil.

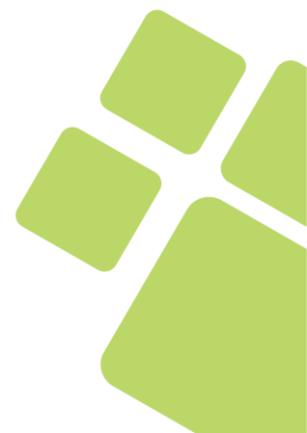
Abstract: The objective of this work is to understand how bullying and cyberbullying practiced in Physical Education classes can influence the process of forming students' self-esteem. This is a bibliographic research with a qualitative approach whose data were analyzed through textual, thematic and interpretive analysis, obtained by the search system in articles, monographs, dissertations and books on the websites of Google Scholar, and Scientific Electronic Library Online (SciELO), using the inclusion and exclusion criteria, choosing those that best suited the research objective. It was concluded that it is necessary to develop research and intervention strategies for bullying and cyberbullying in order to clarify parents, teachers, community and school agents, about these phenomena that cause almost always irreversible consequences to self-esteem and children's development.

Palavras-chave:

Bullying.
Cyberbullying.
Autoestima.
Educação Física.

Keywords:

Bullying.
Cyberbullying.
Self-esteem.
Physical Education.



Palabras clave:

Bullying,
Cyberbullying.
Autoestima.
Educación Física.

Resumen: El objetivo de este trabajo es comprender cómo el acoso y el ciberacoso practicados en las clases de Educación Física pueden influir en el proceso de formación de la autoestima de los alumnos. Se trata de una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo cuyos datos fueron analizados mediante análisis textual, temático e interpretativo, obtenidos por el sistema de búsqueda en artículos, monografías, disertaciones y libros en los sitios web de *Google Scholar*, y *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, utilizando los criterios de inclusión y exclusión, eligiendo aquellos que más se adecuaban al objetivo de la investigación. Se concluyó que es necesario desarrollar estrategias de investigación e intervención en *bullying* y *cyberbullying* con el fin de esclarecer a padres, docentes, comunidad y agentes escolares, sobre estos fenómenos que provocan casi siempre consecuencias irreversibles en la autoestima y el desarrollo de los niños.

Introdução

No âmbito escolar, são diversas as possibilidades de manifestações de violência, que podem ocorrer entre professores, funcionários e alunos. No entanto, há uma forma geralmente velada, que pode perpetuar-se, denominada *bullying* (BOTELHO; SOUZA, 2007). “O *bullying* é uma palavra de origem inglesa, utilizada para definir um desejo consciente e deliberado de maltratar e/ou deixar sob tensão uma pessoa” (FANTE, 2005, p. 25).

A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas, como o português, o alemão e o francês, devido aos extensos significados associado à palavra (Moura *et al.*, 2011). De acordo com Tucci (2004 *apud* SILVA, 2013, p. 19), “o termo *bullying* é utilizado em vários países, entre eles o Brasil, para designar o processo repetitivo de intimidar, amedrontar, falar mal e agredir, causando dor e angústia, propiciados dentro de uma relação desigual de poder entre vítima e agressor”. Segundo FANTE (2005, p. 28) a tradução universal para o termo *bullying* é:

Conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*.

“A maioria dos alvos de *bullying* são aqueles alunos considerados pela turma como diferentes ou esquisitos” (FANTE; PEDRA 2008, p. 45). Como se não bastassem as violências ocorridas no espaço presencial do âmbito escolar, essas se potencializaram com o surgimento do *cyberbullying*, a partir do espaço virtual e das redes móveis onde as agressões são aumentadas pela velocidade de difusão de informações e geram danos irreversíveis as pessoas que as sofrem.

Pode-se caracterizar o *cyberbullying* como uma nova expressão do próprio *bullying*, denominado como *bullying* virtual, visto que tem a mesma finalidade, agredir, ameaçar, difamar, provocar e causar desconforto em suas vítimas por meio de meios de comunicação virtual (AMADO *et al.*, 2009). De acordo com Lopes Neto (2008, p. 6) “o *cyberbullying* envolve o uso de tecnologias da informação e da comunicação com a finalidade de legitimar comportamentos hostis, deliberados e repetidos, produzidos individualmente ou em grupos para causar danos a outros”. Os responsáveis pelo *cyberbullying* podem criar blogs, perfis falsos em redes sociais, difamando e excluindo os colegas.

O espaço de diálogo deste estudo e o lugar onde podem ocorrer situações de *bullying* e se potencializarem para o *cyberbullying*, a escola, e em específico as aulas de

Educação Física, pois, nestes, encontramos os diversos fenômenos psicológicos, profundos e dinâmicos do desenvolvimento humano, produzidos em diferentes ocasiões socioculturais (CARVALHO, 2012). Acredita-se que situações de *bullying* e *cyberbullying* neste espaço social, podem afetar a formação psicossocial do ser, principalmente sua autoestima.

Segundo Bandeira e Hutz (2010), a autoestima é uma avaliação que o indivíduo realiza e comumente mantém em relação a si mesmo. Esse conceito tem sido estudado e considerado como um importante indicador de saúde mental na adolescência. Segundo Mruk (1995 *apud* SECCO, 2014), a autoestima merece uma abordagem científica aprofundada, pois é um fenômeno associado à personalidade e à saúde mental, e além disso, está relacionada ao desempenho escolar, aprovação social, bem-estar, estresse, percepção de incapacidade, delinquência, depressão, ansiedade social e uso de substâncias ilícitas.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo, compreender como o *bullying* e o *cyberbullying* praticado em aulas de Educação Física podem influenciar no processo de formação da autoestima dos alunos. No decorrer da pesquisa abordaremos conceitos que tem como objetivos específicos entender como ocorrem as situações de *bullying* e *cyberbullying* nas aulas de Educação Física, quem são os envolvidos, identificar possíveis associações relacionados com a autoestima, analisar a importância do ensino da Educação Física no enfrentamento dessas situações e também na formação da autoestima do aluno.

Metodologia

O presente artigo utiliza o referencial da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Segundo Silva (2013, p. 14): “A pesquisa bibliográfica objetiva elencar os conhecimentos científicos produzidos por autores, de um determinado tema, onde o pesquisador se baseia em trabalhos já realizadas por outros autores”. Assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento, sistematize todo o material que está sendo analisado e se dedique ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. Segundo Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica, pode ser entendida como:

Aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Para Galvão (2009), realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo para se ir além. Conforme salientado, a pesquisa se enquadra na linha qualitativa. Segundo Soares (2019, p. 169) “a pesquisa qualitativa se expressa pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa”. Logo, pesquisar qualitativamente é não renunciar a observação, análise, descrição e compreensão do fenômeno a fim de entender seu significado.

A coleta de dados foi realizada pelo sistema de busca em artigos, monografias, dissertações e livros, utilizando os critérios de inclusão e exclusão, selecionados de acordo com seu título, resumo e categorias, sendo escolhidos os que mais se adequavam ao objetivo da pesquisa. A busca foi realizada a partir das palavras-chave: *bullying*, *cyberbullying*, autoestima e Educação Física. Com produções nos sites do *Google Acadêmico*, e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, ocorrendo entre abril a setembro 2021.

A análise se deu por meio textual: buscando informações sobre o autor e seu vocabulário além de esquematizar o texto. Temática visando ouvir o autor e aprender, sem intervir, mas com questionamentos próprios. E interpretativa, realizando uma leitura analítica do texto (SEVERINO, 2007).

***Bullying, cyberbullying* e autoestima: personagens e características**

O comportamento agressivo e perigoso que se manifesta em espaços escolares, com tendência a se proliferar em espaços virtuais, nomeado *bullying*, pode se fazer presente por meio de agressões, comportamentos e expressões. Segundo Lopes Neto (2005, p. 166), existem dois tipos de *bullying*, a saber.

Direto, quando as vítimas são atacadas diretamente através de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. E indiretos, quando estão ausentes compreendendo atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

Silva (2010, p. 23-24), salienta que as situações de *bullying* podem se manifestar das mais variadas formas:

Verbal (insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar”); Físico e material (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima); Psicológico e moral (irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, aterrorizar e ameaçar, chantagear, perseguir, difamar); Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar); Virtual ou *cyberbullying*

(*bullying* realizado por meios de ferramentas tecnológicas: celulares, internet, máquinas fotográficas, filmadoras).

Os personagens do *bullying* diferenciam-se pelo “tipo de relacionamento psicossocial inadequado, havendo diferenças significativas entre suas características comportamentais e sociais” (SILVA, 2017, p. 14). Os envolvidos em situações de *bullying* podem ser classificados em: agressores, vítima, vítima/agressor e espectador (LOPES NETO, 2005). O agressor é o autor do *bullying*, ou seja, pessoas que cometem as agressões. Normalmente, o agressor tem um comportamento provocador e de intimidação permanente. Lopes Neto (2005, p. 167) ao salientar sobre o perfil do agressor, pontua que:

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc).

São indivíduos que têm pouca empatia, conscientes de seus atos, e do retorno desses para com suas vítimas, mesmo assim, agridem como forma de se destacar e demonstrar poder frente ao seu grupo social (BOTELHO; SOUZA, 2007). Assim, os agressores pensam que serão mais populares e se sentem sobrepujantes com esses atos. Os agressores buscam vítimas que normalmente se diferem da maioria por alguma particularidade. Os alvos preferenciais são os alunos novatos; os extremamente tímidos; os que têm traços físicos que fogem do padrão e que se vestem ou tem atitudes diferentes dos demais (OLIVEIRA; SANTOS, 2017).

Por outro lado, Maldonado (2011 *apud* COUTINHO; YAEGASHI, 2015, p. 3) aborda que “as vítimas também podem ser escolhidas de uma forma diferente, seja por se destacar pela beleza ou pela inteligência, ou por possuírem objetos como celulares, roupas de marca que demonstram maior nível socioeconômico do outro, despertando inveja”. “Habitualmente, são crianças que não dispõem de recursos ou habilidades para reagir, são pouco sociáveis, sensíveis e frágeis e não sabem revidar por vergonha ou por conformismo, sendo muito prejudicados por ameaças e agressões, e quando atacadas, geralmente reagem chorando ou se retraindo” (LOPES NETO, 2005, p. 167).

Silva (2010, p. 37), nos descreve três tipos de vítimas no fenômeno *bullying*:

Vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral, são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocados e agressivos dirigidos contra elas. As vítimas provocadoras são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si

mesmas. No entanto, não conseguem responder aos revides de forma satisfatória. Já a vítima agressora faz valer os velhos ditos populares “bateu, levou” ou “tudo que vem tem volta”. Ela procura outra vítima ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Isso aciona o efeito “cascata”.

Já os espectadores, são aqueles que presenciam as situações de *bullying* e não interferem. Seu maior medo é o de se tornar a próxima vítima, por isso não costumam denunciar as agressões que assistem, tendo assim, uma postura permissiva com as situações de intimidação, e para ficar mais convincente ainda fingem acharem graça da gozação (LOPES NETO, 2005). Desta maneira, acabam contribuindo para a continuidade dos ataques. Segundo Silva (2010, p. 45-46) podem ser descritos em três grupos distintos:

Espectadores passivos, em geral assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Espectadores ativos, estão inclusos nesse grupo os alunos que, apesar de não participarem dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Espectadores neutros, dentre eles podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam.

A interferência dos espectadores na tentativa de solucionar situações de *bullying*, podem ser entendidas como ações assertivas, e na maioria dos casos, são importantes para o uso do poder provindo do grupo, fazendo com que as vítimas se sintam apoiadas para o enfrentamento dessas situações desagradáveis (SILVA, 2010). Nesse ínterim de enfrentamento de casos de *bullying*, um grande agravador de situações se fez presente na atualidade, o *cyberbullying*, por sua potencialidade e velocidade de difusão, com as redes móveis, a internet e as redes sociais, abriu espaço para um novo cenário das práticas do *bullying*, a violência *online*, aquela que ocorre por meios midiáticos e se torna cada vez mais presente na vida dos escolares.

De acordo com Schultz *et al.* (2012), o *cyberbullying* também chamado de *bullying* virtual constitui-se no ataque pessoal por meio de tecnologias, como *e-mails*, telefones celulares, *blogs*, *chats*, mensagens de texto e outros dispositivos eletrônicos. Nesse contexto, recorre-se à tecnologia para ameaçar, humilhar ou intimidar alguém por meio das várias formas de ferramentas da nova era digital. Embora ocorra virtualmente, o *cyberbullying* pode levar a conflitos físicos reais, assim como a conflitos internos, a saber: sentimentos de depressão, desespero e perda.

Embora possa ser considerado como uma nova modalidade de *bullying* (BERAN; LI, 2007), este fenômeno, apresenta algumas características específicas que lhe conferem dimensões muito particulares. Em contraste com outras formas de *bullying*, o *cyberbullying*, apoiado nas tecnologias da informação, ultrapassa as fronteiras



do tempo na medida em que a ofensa se mantém permanentemente presente no espaço virtual, mas também nas fronteiras do espaço pessoal e físico (AMADO *et al.*, 2009).

As consequências das agressões são também amplificadas uma vez que usuários no mundo inteiro, podem a qualquer momento, assistir, compartilhar e salvar em seus computadores manifestos de *cyberbullying* (SMITH, 2012). Conforme aponta Wendt e Lisboa (2013), uma vítima de *cyberbullying* pode nunca saber o minuto quando será atacada novamente, pois a internet possibilita ao agressor recorrer à vítima de inúmeras formas e a qualquer momento, alterando as limitações contextuais do *bullying* na escola. “Ao contrário da vítima de *bullying*, que sabe que será atacada quando chegar à escola ou teme pela hora do recreio, uma vítima de *cyberbullying* pode receber mensagens de texto com ameaças, inclusive enquanto estiver dormindo” (WENDT; LISBOA, 2013, p. 78).

Diante de tais características, os agressores têm a sensação de que não há regras, punição ou julgamento moral sobre a sua conduta, trazendo ainda mais segurança para realização de ataques. Para quem sofre esse tipo de violência, a preocupação é ainda maior, pois o mesmo não sabe quando, como e de onde podem vir os ataques (WENDT; LISBOA, 2013). Silva (2010, p. 138) afirma que:

Qualquer pessoa submetida ao *cyberbullying* sofre com os níveis elevados de insegurança e ansiedade. Quando as vítimas são crianças ou adolescentes, as reações são muito mais intensas e as repercussões psicológicas e emocionais podem ser infinitamente mais sérias. Especialmente nos adolescentes, que estão vivenciando uma fase de profundas mudanças cerebrais, os ataques de “*bullying* virtual” podem se constituir em fator desencadeante de diversas doenças mentais.

Esses ataques podem afetar a autoestima do aluno, esta que é entendida como um aspecto psicológico, cuja formação se dá na infância e se intensifica na adolescência com implicações na construção da personalidade e com reflexos na relação do ser humano com o mundo (PAPALIA; FELDMAN, 2013). De acordo (FERREIRA *et al.*, 2018, p. 2) “a autoestima constitui-se como um indicador de saúde mental e qualidade de vida. Sobre a autoestima e a avaliação negativa ou positiva que o indivíduo faz de si mesmo”. (SANTOS, 2017, p. 34 *apud* GONÇALVES, 2004, p. 38) afirma que:

Quando vista de uma perspectiva positiva, significa que as pessoas têm uma boa imagem de si, espera-se que os outros gostem de nós e confiem em nossas habilidades de lidar com seus próprios desafios, em contrapartida, quando vista do ponto negativo, pode causar sérios problemas, quando achamos que não merecemos o amor de ninguém, não acreditamos em nosso potencial e que não somos capazes. Ao considerar que não sabemos fazer nada direito, imagine tais situações no ambiente escolar e no processo ensino-aprendizagem das crianças.

Em termos práticos, “a autoestima se revela como a disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar os desafios básicos da vida” (MOYSÉS, 2001, p. 9). Ainda de acordo com o autor, a autoestima é fruto de diferentes percepções que a pessoa faz de si mesma. Esse autoconceito se baseia na aparência física, nas habilidades sociais e no desempenho intelectual, características essas fundamentais na construção da autoestima de um indivíduo (FERREIRA *et al.*, 2018).

A autoestima está presente nas experiências escolares, os envolvidos nesse processo devem refletir sobre a qualidade das relações sociais que se constituem neste espaço, atrelados a função educacional e psicológica, para formação do aluno. “Nesse sentido a baixa autoestima, poderá desenvolver comportamentos mentais negativos como depressão, suicídio, transtornos alimentares e ou ataques a outrem” (FERREIRA *et al.*, 2018, p. 3).

Situações ocasionadas pelo *bullying* escolar têm efeitos maléficos na formação da autoestima do aluno. De acordo com Leão (2010, p. 119 *apud* BARBOSA *et al.*, 2016, p. 207), sobre a escola, ele afirma que o “ambiente que deveria ser agradável e sadio tem sido palco de atitudes frequentes, que envolvem atos de violência entre os alunos, ficando evidente, dessa forma, a conduta *bullying*”. Tal afirmação gera preocupação, pois o *bullying* não é um problema que se resolve momentaneamente, ele deixa sequelas. As consequências podem se manter no futuro, trazendo danos a suas relações de trabalho, em sua futura família, na criação de filhos, além de ocasionar prejuízos para a sua saúde física e mental (COUTINHO; YAEGASHI, 2015).

Bandeira e Hutz (2010), consideram que a autoestima seja, talvez, a variável mais crítica que afeta a participação de um aluno com outros. Os autores complementam que a autoestima afeta o aluno na forma de lidar com o ambiente. Nesse interim o *cyberbullying* enquanto um potencializador do *bullying* poderá ter papel agravante da formação da autoestima, provocando danos a integridade física e mental de um indivíduo. Segundo (MARQUES *et al.*, 2019, p. 312):

O nível de ansiedade de estudantes vítimas ou vítimas/agressoras do *bullying* é maior do que àqueles que não estão envolvidos e quando há envolvimento com o *cyberbullying* ocorre alterações psicológicas, que além da ansiedade, se adicionam a depressão e redução da empatia.

Lopes Neto (2005) salienta que poucas pesquisas foram realizadas acerca dos reais efeitos do *bullying* digital, porém nos estudos iniciais acredita-se que seus efeitos superem os danos do *bullying* tradicional, pois uma vez que esses conteúdos são inseridos no espaço virtual, dificilmente é possível recuperá-los, podendo ser compartilhados, repassados e assistidos 7 dias da semana, 24 horas por dia, de qualquer lugar do mundo.



Fante e Pedra (2008) descrevem que muitas vítimas de *cyberbullying* se calam por diversas causas, entre eles estão o sentimento de vergonha e humilhação, o medo de serem impedidos por seus pais de continuarem a ter acesso aos aparatos tecnológicos, perdendo seus celulares e computadores, pois mesmo correndo o risco de sofrerem *cyberbullying*, a necessidade de buscar amigos e de pertencerem a algum grupo é muito maior.

Há aquelas vítimas que se isola na tentativa de acabar com os ataques, o que ocasiona queda do rendimento escolar. Outras não resistem ao constrangimento e mudam de escola, levando consigo a dor emocional e a frustração de ter sua reputação maculada (FANTE; PEDRA, 2008, p. 32).

A vitimização prejudica a autoestima do indivíduo, muitos não superam essas dificuldades de relacionamento no decorrer do seu desenvolvimento e acabam propensos a ter comportamentos depressivos. Os autores (FANTE; PEDRA, 2008, p. 87) salientam que as vítimas:

Tendem a apresentar dificuldades na vida sentimental, por não confiarem nos parceiros. No local de trabalho, podem apresentar dificuldade para se expressar, falar em público e liderar, déficit de concentração, insegurança, dificuldade de resolução de conflitos, de tomada de decisões e iniciativas. Quanto à educação dos filhos, projetam sobre eles seus medos, suas desconfianças e inseguranças, em muitos casos tornando-se pais superprotetores.

Além de todo o sofrimento causado pelos agressores, estas crianças ou adolescentes ainda podem lidar com a incompreensão familiar e dos colegas, da incapacidade de reação diante de atos de agressividade verbal ou física. Desta forma, podem direcionar sua agressividade, tanto a produzida no seu interior quanto a que vem do exterior e voltá-la para si mesmos, causando seu próprio sofrimento, desenvolvendo inconscientemente, nos casos mais complexos sintomas de transtornos psicossociais (PEREIRA, 2002). Para finalizar, é importante enfatizar que os traumas causados pela vitimização podem ou não ser superados, isso dependerá das características individuais de cada um, assim como da sua habilidade de se relacionar consigo mesmo, com o meio social e, sobretudo, com o seu ambiente familiar (FANTE, 2005).

Nesse sentido, o *bullying* e o *cyberbullying* são vistos como uma extensão da problemática social e devem implicar em políticas de prevenção que mereçam ser investigadas, analisadas e problematizadas, uma vez que estes fenômenos podem acarretar sérios problemas de saúde emocional.

Bullying, cyberbullying, autoestima e Educação Física

A Educação Física é uma disciplina curricular de enriquecimento cultural, fundamental à formação da cidadania dos alunos, baseada num processo de

socialização de valores morais, éticos e estéticos, que une princípios humanistas e igualitários (CHAVES, 2006 *apud* SANTOS; TEIXEIRA, 2014). Se por um lado a Educação Física pode despertar nos alunos sentimentos de cooperativismo, companheirismo e inclusão, por outro, tende a criar situações de competitividade, agressividade e discriminação em meio às quais práticas de *bullying* e ou *cyberbullying* podem surgir, sobretudo em relação aos alunos com pouca habilidade nos esportes.

É comum depararmos com situações de conflitos em sala de aula de diferentes maneiras e em todas as disciplinas, porém a Educação Física é ainda uma das principais disciplinas que presenciam esses tipos de manifestações de violência e as brigas geralmente começam por motivos fúteis, como uma discussão por causa de uma desavença desportiva. Para Myers (2000) a agressividade refere-se ao ato de ferir o outro, física ou simbolicamente, e as pesquisas sugerem que os homens, que são mais voltados às atividades tipicamente masculinas, como caçar, lutar e guerrear, são mais propensos à agressividade do que as mulheres. Isto não quer dizer que o comportamento agressivo não apareça nas meninas, pois elas também o são, principalmente entre si.

Tendo em vista que uma das principais possibilidades de intervenção da Educação Física na escola, são as práticas corporais esportivas, naturalmente os alunos menos habilidosos são notados, ficando, assim, mais vulneráveis a ocorrência de discriminações, preconceitos e segregações (PARREIRA; RODRIGUES, 2017). A Educação Física possui características esportivas, herdadas principalmente do modelo militarista, higienista e tecnicista de décadas passadas, que visam propagar o esporte de rendimento e a preparação de atletas, resumia o conteúdo em nível de altíssima competitividade e exclusão dos menos capazes (MELIN; PEREIRA, 2014).

Madalóz e Ebling (2019), complementam que o ensino dessas técnicas em aulas de Educação Física pode ser exclusivo e promover a seleção dos melhores, a partir disso, os estudantes que têm baixo desempenho físico, que não apresentam habilidades em determinados esportes se sentem prejudicados, pois a má execução da técnica pode causar brincadeiras desagradáveis dos alunos mais habilidosos, comprometendo sua inclusão nos grupos. As aulas de Educação Física quando apresentam tais características deixam de cumprir seu papel de formação. O enraizamento desta tendência ainda pode ser evidenciado na formação de profissionais dessa área e apresentar-se fortemente valorizado na escola.

“Ao manter essas influências, a Educação Física favorece um ambiente de alta competição e busca de resultados o que acaba por dificultar o ensino de valores importantes para a vida em sociedade que são a cooperação, solidariedade, saúde e lazer” (BOTELHO; SOUZA, 2007 p. 59). Assim, abre-se o pressuposto para que os

próprios alunos comecem a selecionar quem eles querem no seu time, oportunizando a participação aos mais aptos. Nesse processo de seleção e exclusão, podem aparecer os apelidos, e termos de utilização para classificar os colegas. Nesse sentido, é fundamental que as aulas de Educação Física sejam direcionadas a todos os alunos. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), essa necessidade é proposta como princípio básico.

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e eficiência (BRASIL, 1998, p. 19).

A Educação Física, deve contribuir na superação das discriminações e preconceitos, possibilitando um ambiente de socialização, oportunizando ao aluno condições de entendimento crítico, evitando consequências antissociais. A luta por uma Educação Física igualitária, deve considerar direitos iguais, quer na força e habilidades físicas, quer no pertencimento há uma determinada classe, raça, religião ou idade (OLIVEIRA; VOTRE, 2006).

Segundo Meotti e Pericoli, 2014, p. 74, em pesquisa realizada, em 2009, pela Plan, constatou-se que 50% dos casos de *bullying* ocorrem em sala de aula. “O estudo também mostrou que 68% dos casos ocorridos acontecem na presença do professor”. Esses números revelam o grau de responsabilidade do professor diante dessa prática, portanto, a atitude por ele tomada servirá de exemplo aos alunos presentes, e este pode ser tanto positivo quanto negativo.

Segundo Silva (2010), para enfrentar o fenômeno, a escola necessita inicialmente reconhecer a sua existência, tal como suas consequências. Em seguida, é essencial, por parte da escola, a qualificação de seus profissionais para identificação, diagnóstico e intervenção das ações ocorridas que se constituem como *bullying* e ou *cyberbullying*. Nesse sentido, a escola deve promover uma discussão mais abrangente sobre o problema, convidando toda a comunidade escolar a decidir por ações preventivas e imediatas que visem o enfrentamento da situação.

“Quase sempre a perspectiva de um trabalho de prevenção na escola acontece motivado por situações emergenciais, o que favorece a distorção dos legítimos objetivos da prevenção como prática social institucionalizada” (LARA, 2001 *apud* MARRIEL *et al.*, 2006, p. 46). Na Educação Física as agressões podem ser(se) tornar corriqueiras e serem tratadas como fatos banais, quando não são levadas a sério. Se não houver intervenção profissional, essas atitudes começam a fazer parte de um cotidiano do educando de maneira a intervir na formação de sua autoestima.

Segundo Darido *et al.* (2001), o ambiente em que a Educação Física se desenvolve e sua sistematização, podem potencializar casos de *bullying* e *cyberbullying*. Dessa forma, o papel do professor é fundamental para diagnosticar e intervir nesses casos. Ainda segundo Darido *et al.* (2011, p. 20), “o professor de Educação Física, deve favorecer discussões entre os alunos sobre o significado do preconceito, da discriminação e da exclusão, considera que os professores de Educação Física reflitam sobre os conteúdos propostos, utilizando-se de outras maneiras para propor atividades práticas que não excluam gênero, indivíduos menos habilidosos e tampouco promovam a violência.

Em 2015, foi instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*), em todo o território nacional, por meio da Lei 13.185/2015. A referida lei obriga escolas, clubes, agremiações a adotarem medidas de combate e prevenção ao *bullying* com propósito de desencorajar atos de violência no âmbito escolar (BRASIL, 2015). “Também estabelece que sejam realizadas campanhas educativas e fornecida assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores” (BAZZO, 2020, p. 226). Silva e Borges (2018, p. 32-33) afirmam que o Programa de Combate à Intimidação Sistemática tem como objetivo:

Prevenir e combater a prática da intimidação sistemática em toda a sociedade; capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação; instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combater-lo; promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua; evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil; promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática, ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Essa legislação é considerada um marco jurídico de combate ao *bullying* e a primeira lei nacional com objetivo de prevenir e combater a prática da intimidação sistemática no país. Tem como base, também, o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que prevê, em seu art. 5º, que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990, p. 9).

Outra finalidade desse Estatuto é proteger inteiramente os direitos de crianças e adolescentes, sendo utilizado como uma orientação para que esses direitos sejam corretamente seguidos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura a proteção às crianças, mas a percepção e o controle da violência cabem a cada órgão que tem contato mais direto com essas crianças, no caso a escola e a família (MARRIEL *et al.*, 2006). Diante de tal fato, é importante estabelecer uma fonte de diálogo entre aluno, instituição e professor, para que ele se sinta protegido, para assim levar a conhecimentos da direção os problemas e dificuldades existentes.

Lopes (2011) afirma que, para reduzir o *bullying* e o *cyberbullying*, é necessário que as escolas adotem estratégias e ações *antibullying*, realizando um trabalho incessante, que envolva toda a comunidade escolar, ou seja, professores, estudantes, pais e funcionários, visando trabalhar com estratégias preventivas. De acordo com Lösel e Beelman (2003 *apud* BOMFIM *et al.*, 2012, p. 311), “diálogos que envolvam o ensinamento de percepções sociais; autocontrole; controle da raiva; empatia com a vítima; resolução de problemas interpessoais, entre outros, são uma excelente ferramenta de combate a situações de *bullying* e *cyberbullying*”.

Darido *et al.* (2006, p. 21) sugere que “para o enfrentamento em aulas de Educação Física é importante “escolher outros conteúdos que não sejam os tradicionais (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), utilizando jogos cooperativos e outros jogos com mais de duas equipes na quadra, proporcionando, com isso, a participação de vários alunos”.

Os jogos cooperativos são jogos em que os participantes jogam uns com os outros, em vez de uns contra os outros. Joga-se para superar desafios. São jogos para compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, e geram pouca preocupação com o fracasso ou com o sucesso como fins em si mesmos. Eles reforçam a confiança mútua. (MARQUES, 2012, p. 55).

Durante a execução destes jogos a chance de ocorrer situações violentas diminui-se, pois os alunos jogam uns com os outros e não uns contra os outros. Os jogos cooperativos unem os extremos, ou seja: os alunos mais habilidosos com os menos habilidosos. Ambos possivelmente terão sucesso, porque conseguirão realizar as atividades propostas. Aulas onde a participação seja o principal, que haja respeito e empatia, são um grande passo no enfrentamento desses fenômenos de violência sejam elas físicas, verbais ou virtuais.

Por fim, é importante salientar que cabe ao professor de Educação Física não tolerar comportamentos agressivos e discriminatórios em suas aulas, utilizando de uma pedagogia intervencionista quando notar ocorrências de casos, desenvolvendo

seu papel como agente transformador individual e coletivo, por meio das práticas corporais. A escola enquanto instituição social deve estar atenta a formação do aluno, em um processo de empatia com seu próximo.

Conclusão

A escola desempenha um papel relevante no desenvolvimento social, psicológico e emocional das crianças e adolescentes, não podendo ser considerada apenas como um ambiente proposto à aprendizagem formal e ao desenvolvimento cognitivo. A discussão sobre autoestima, *bullying* e *cyberbullying* no contexto escolar aponta para um campo vasto para a realização de mais estudos pois se trata de um fenômeno profundo e dificultoso de ser mensurado e analisado em vários níveis, por conter características particulares da subjetividade humana.

O diálogo sobre o *bullying* na escola, se faz necessário para identificar os fatores que favorecem sua ocorrência e manutenção, muitas vezes advindos dos contextos sociais. Diante do exposto, concluiu-se que é necessário desenvolver pesquisas e estratégias de intervenção do *bullying* e *cyberbullying* com o propósito de esclarecer pais, professores, comunidade e agentes escolares, acerca desses fenômenos que causam consequências quase sempre irreversíveis a autoestima e ao desenvolvimento infanto-juvenil. Para tal fim, é indispensável que haja um esforço coletivo de todos os envolvidos na educação, no sentido de reconhecer, intervir e redirecionar os comportamentos das crianças e adolescentes para conscientizá-los sobre o um dos maiores problemas vivenciados pela educação contemporânea: a violência escolar.

Considera-se esta pesquisa relevante, pois a prática desses fenômenos são cada vez mais constantes nas aulas de Educação Física. Há relatos de *bullying* e *cyberbullying* nas aulas de Educação Física observadas, principalmente quando as aulas propiciam práticas competitivas advindas de abordagens pedagógicas que promovem o esporte de alto rendimento e a seleção dos mais habilidosos. Havendo uma frequência de atos agressivos, aliado a falta de estímulos positivos, de conscientização e de conhecimento sobre o universo lúdico, e incremento de atitudes capazes de influenciar comportamentos de rebeldia.

Embora alguns professores se mostrem conhecedores do assunto, outros mostram-se distantes com respeito aos problemas que ocorrem na sala de aula, assumindo uma postura autoritária e/ou omissa, ocasionadas por não saberem como intervir. O professor tem papel fundamental na prevenção e combate ao *bullying* e *cyberbullying* na sala de aula, devendo não adotar uma postura ausente nestes atos agressivos, permitindo que o fenômeno continue presente. Sua postura autoritária

e/ou omissa, além da falta de conhecimento sobre a temática são fatores que podem desencadear o aumento de situações relacionadas ao fenômeno.

É necessário conter o avanço desta prática nos cenários educativos para que não se torne algo “normal”. Espera-se que esta pesquisa seja mais um passo para futuros estudos que dialoguem sobre o enfrentamento de situações de *bullying* e *cyberbullying* no âmbito escolar e nas aulas de Educação Física.

Referências

AMADO, João. MATOS, Armanda; PESSOA, Teresa; JÄGER, Thomas. Cyberbullying: um desafio a investigação e a formação. **Interacções**, Lavras, v. 13, p. 301-326, 2009.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Cláudio Simon. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-10, 2010.

BAZZO, Juliane. Falar de bullying sem dizer do gênero: dilemas do Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática nas escolas brasileiras (Lei n. 13.185/2015). **Open Edition Journals**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 223-245, 2020.

BERAN, Tanya.; LI, Qing. The Relationship between Cyberbullying and School Bullying. **WWRGW Journal of Student Wellbeing**, v. 1, n. 2, p. 15-33, 2007.

BOMFIM, Daiane Lopes; CAMPBELL, Carmen Sílvia Grubert; MORAES, José Fernando Vila Nova de; FRANCO, Artur Martins; CUNHA, Verusca Najara de Carvalho; FRANÇA, Nanci Maria de; FERREIRA, Sandra Mara Bessa. Ocorrência de bullying nas aulas de educação física em uma escola do Distrito Federal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 302-317, abr/jun., 2012.

BOTELHO, Rafael. Guimarães. SOUZA, José. Maurício. Capinussú. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, Niterói, v. 139, p. 58-70, 2007.

BRASIL. **Lei n.º 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). n.p., 2015. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em 2 jul. 2021.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. Fabio Vaisman (Org.). 17. ed. Brasília: Câmara dos Deputados. Edições Câmara, 2019.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Mauro. A construção das identidades no espaço escolar. **Reflexão e Ação**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 209-227, 2012.

CHAVES, Walmer Monteiro. Fenômeno bullying e a Educação Física escolar. *In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA*, 10., Rio de Janeiro, **Anais [...]**, 2006.

COUTINHO, Karen. Azevedo; YAEGASHI, Solange. France. Raimundo. **Perigos na escola: Bullying e Cyberbullying**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, p. 1-15, 2015.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL-BETTI, Irene Conceição; RAMOS, Glauco Nunes Souto; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lilian Aparecida; MOTA E SILVA, Eduardo Vinicius; RODRIGUES, Luiz Henrique; SANCHES, Luiz; PONTES, Gustavo; CUNHA, Felipe. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, p. 17-32, jan./jun. 2001.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Ed. Versus, 2005.

FANTE, Cléo. PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, Leila Maria Gomes; CAÇADOR, Luzia Bernadete Cecilia Santana; CRUZ, Rosilene Lima de Assis; MELO, Denise Mendonça. Autoestima e bullying em crianças e adolescente de escola pública e privada. **Estação Científica**, Juiz de Fora, v. 19, p. 1-18. jan./jun. 2018.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. p. 1-13, 2009. Disponível em: http://www2.cerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf. Acesso em: 14 ago. 2021.

LOPES NETO, Aramis. A. Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LOPES NETO, Aramis. Um antigo problema, uma nova visão. **Revista de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 5-7, 2008.

LOPES NETO, Aramis. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MADALÓZ, Rodrigo José; EBLING, Jéssica Renata Kupske. Fenômeno bullying na Educação Física escolar: um estudo de caso no ensino médio. **Revista Ciências Humanas**, Rio Grande de Sul, v. 20, n. 1, p. 98-114, 2019.

MARRIEL, Lucimar. Câmara; ASSIS, Simone. Gonçalves; AVANCI, Joviana. Q; OLIVEIRA, Raquel. V. C. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr.. 2006

MARQUES, Marcelo. Jogos cooperativos na Educação Física Escolar: Possibilidades para uma educação que respeita as diversidades humanas. **Núcleo de Pesquisas Ambientais e Transdisciplinaridade**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 51–62, jul./dez. 2012.

MARQUES, Emília Rodat Ribeiro; MELO, Emanuel Costa de; FERNANDES, Gilsandra de Lira; MENEZES JÚNIOR, Jonas Oliveira; ANDRADE, Alexsandra Layani Faustino de; OLIVEIRA, Rosângela Guimarães de. O Bullying e os danos à saúde mental. **Revista Temas em Saúde**, João Pessoa, v. 19, n. 4, p. 290-321, 2019.

MELIN, Fernando Marcelo Ornelas; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite. A influência da Educação Física no bullying escolar: a solução ou parte do problema? **Revista Ibero-americana de Educação**, Araraquara, v. 67, n. 1, p. 65-84, 2014.

MEOTTI, Juliana Prestes. PERÍCOLI, Marcelo. A postura do professor diante do bullying em sala de aula. **Revista Panorâmica On-Line**, Barra do Garças, v. 15, p. 66-84, dez. 2013.

MOURA, Livia Oliveira Salgueiro; NUNES, Diogo; RIBEIRO, Matheus Augusto de Lima; GUIMARÃES, Antônio Carlos Machado. Bullying: a vulgarização de um conceito na mídia. *In*: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15.; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 11., Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, **Anais [...]**, 2011. p. 1-5.

MYERS, David G. **Psicologia social**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

OLIVEIRA, Flávia Fernanda; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, 2006.

OLIVEIRA, Maria Rosa; SANTOS, Wenner Daniele V. **Timidez Infantil no contexto familiar e escolar: suas consequências**. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1177.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

PAPALIA, Diane E., FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PARREIRA, Fernanda Ramos. RODRIGUES, Jéssika Silvério. Bullying nas aulas de Educação Física. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, Araguaia, v. 11, p. 59-75, 2017.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

SANTOS, Aderlaine Aparecida; TEIXEIRA, Roseli Terezinha. **Bullying nas aulas de Educação Física**. v. 1. Paraná: Secretaria de Educa o do Paraná, 2014.

SCHULTZ, Naiane; DUQUE, Denise Franco; SILVA, Carolina Fermino da; SOUZA, Carolina Duarte de; ASSINI, Luciana Cristina; CARNEIRO, Maria da Glória de M. A

compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p.247-254, 2012.

SECCO, Gabriella de Albuquerque Areia. **Estilos parentais, autoestima e comportamentos de agressão e vitimização entre pares em contexto escolar**. 84f. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências, Coimbra, 2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: Cartilha 2010. Projeto Justiça nas Escolas. Brasília: CNJ, 2010.

SILVA, Wesley Marques da. **Bullying e Cyberbullying**: possíveis relações com a escola e as aulas de educação Física. 2013. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: Mentas Perigosas nas escolas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Cléber Rogério de. **Bullying e Educação Física na Escola**. 2017. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, Ludimila Oliveira.; BORGES, Bento Souza. Bullying nas Escolas. **Direito & Realidade**, Monte Carmelo, v. 6. n. 5, p. 27-40, 2018.

SMITH, Peter. K. Cyberbullying and cyber aggression. **Handbook of school violence and school safety**: international research and practice. New York: Routledge, 2012. p. 93-103.

SOARES. Simaria de Jesus. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 1, n. 3, p. 168-180, jan./dez. 2019.

WENDT, Guilherme Welter; LISBOA, Carolina Saraiva Macedo. Agressão entre pares no espaço virtual: Definições, impactos e desafios do Cyberbullying. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 73 – 87, 2013.

Recebido em: 17/05/2022

Aprovado em: 21/07/2022

Publicado em: 16/10/2022

